

## **O Mundo em Português Nº15**

Dezembro 2000

### **Não a Oslo, sim à ONU**

Margarida Santos Lopes

A "Intifada de Al-Aqsa" era inevitável. Barak expropriou mais terras, construiu mais colonatos e cumpriu menos acordos do que Netanyahu. Os mediadores americanos subestimaram a frustração na Cisjordânia e Gaza. E sobrevalorizaram o controlo de Arafat sobre os palestinianos. Ficou provado que nem Oslo nem os EUA podem oferecer uma "paz justa". Chegou a hora de as Nações Unidas entrarem em acção.

Desde a guerra de 1967 - quando Israel conquistou a Cisjordânia e Jerusalém Oriental à Jordânia, a Faixa de Gaza e a Península do Sinai ao Egipto e os montes Golã à Síria - que o mundo não assistia a um confronto tão sangrento na "Terra Santa". E a um confronto tão perigoso, porque não é apenas uma revolta de três milhões de palestinianos contra 33 anos de ocupação, mas também uma sublevação de um milhão de árabes israelitas contra a discriminação que há 50 anos sofrem no Estado judaico.

Onde está o problema? E onde está a solução? O problema está nos Acordos de Oslo assinados em 1993. E a solução estará nas resoluções das Nações Unidas sobre este conflito, ignoradas até agora devido à insistência dos Estados Unidos em ser mediadores exclusivos e favoráveis a Israel. Neste processo, a União Europeia tem sido apenas o "porta-moedas" e a Rússia ostenta apenas o título de "co-patrocinador".

Oslo é um problema porque, desde logo, não identificou os princípios que deveriam reger a negociação do estatuto permanente dos territórios ocupados. Oslo não prevê a aplicação das resoluções da ONU sobre o conflito, nem um mecanismo de arbitragem vinculativo que concilie as incompatíveis interpretações daqueles textos. A retirada em troca de paz é "de" (como lêem os israelitas) ou "dos" territórios (como lêem os palestinianos)?

Oslo e os compromissos posteriormente assinados são também demasiado vagos quanto aos objectivos do processo de paz. Haverá ou não um Estado palestiniano?; Israel retira-se total ou parcialmente?; Israel desmantela todos ou apenas alguns colonatos?; Os refugiados palestinianos poderão exercer os seus direitos de retorno e de indemnização (reconhecidos pela ONU), ou terão de sujeitar-se a uma limitada "reunificação de famílias" nas áreas (sobretudo na Galileia) de onde foram expulsos ou fugiram em 1948, quando Israel foi criado?

Em Oslo não há reciprocidade. Alguns palestinianos interrogam-se sobre como foi possível a OLP reconhecer a existência de Israel sem primeiro definir fronteiras. Como foi possível a OLP suprimir os opositores do processo de paz sem que Israel fosse também obrigado a desarmar os colonos judeus que são violentamente hostis aos Acordos de Oslo?

Moiun Rabbani, analista da revista "Middle East Internacional", ironiza: "Se o Congresso Nacional Africano [ANC, partido de Nelson Mandela e Thabo Mbeki] tivesse reconhecido a legitimidade do Estado sul-africano sem ter obtido o compromisso do fim do 'apartheid', e tivesse reconhecido a autoridade do regime de segregação racial sobre os bantustões no âmbito de um acordo interino sujeito a posterior negociação, ainda hoje estaria a pedir ao Conselho de Segurança [da

ONU] um salvo-conduto para ir de Kwazulu a Venda".

Mas é isto que Rabbani e outros vêem na Palestina. Sem um objectivo estratégico explicitamente reconhecido nos Acordos de Oslo, a OLP ficou prisioneira de um processo cuja dinâmica é apenas determinada pelo equilíbrio de poder entre israelitas e palestinianos. Um processo que, na prática, consolidou a ocupação e, através do qual, Israel obteve mais ganhos territoriais na Cisjordânia e Faixa de Gaza.

Oslo tornou-se num processo sem paz; em autonomia sem independência. Nos últimos sete anos, as forças de ocupação "reposicionaram-se"; não se retiraram. A colonização acelerou em vez de abrandar. Um Estado palestiniano viável parece impossível. Em vez disso, ganha forma um protectorado isolado, sem continguidade geográfica, em que Israel anexa colonatos, retém a soberania de Jerusalém Oriental e do Vale do Jordão, nega o direito de retorno aos refugiados e se apropria dos recursos de água da região.

#### *Barak deu o fósforo a Sharon*

Os "honestos mediadores" americanos elogiaram a "generosidade" do primeiro-ministro israelita na fracassada cimeira de Camp David em Julho. "Ele deu tudo e foi mais longe do que ninguém nas concessões que fez", disseram os seus partidários. Mas, "na realidade, Barak não deu nada; apenas fez o ruído necessário para criar essa impressão", sublinhou B. Michael, analista do mais importante diário israelita "Yediot Ahronot" (conservador). "Ele devolveu menos território do que [o seu antecessor, Benjamin Netanyahu; construiu mais colonatos do que Netanyahu; e não respeitou um único acordo que assinou com os palestinianos".

Até mesmo o facto de Barak ter "ousado" tocar na questão-tabu de Jerusalém Oriental, sublinhou Michael, foi "apenas para exigir aos palestinianos que assinassem um documento confirmando a soberania judaica sobre a Mesquita de Al-Aqsa [o terceiro santuário do Islão]. E este passo, disse ele aos palestinianos, deveria ser entendido como 'o fim do conflito'". Perante isto, os palestinianos rejeitaram a "intransigência colonialista" de Barak e a "arrogância imperial" dos Estados Unidos. Para começar uma nova Intifada bastava, pois, um pretexto. E ele surgiu, em 28 de Setembro, quando Barak autorizou a visita do "superfalcão" da direita, Ariel Sharon, ao complexo sagrado Monte do Templo/Haram al-Sharif, em Jerusalém Oriental. Sharon ateou o fogo mas foi Barak que lhe deu o fósforo.

"Acreditávamos realmente que a inevitável explosão nunca aconteceria", interrogou-se o editorialista do "Yediot Ahronot". "Poderíamos continuar a confiscar terras, a negar direitos e a humilhar os ocupados? Poderíamos continuar a mostrar que o sangue deles vale menos do que o nosso? Acreditávamos sinceramente que, sob o disfarce de dúbios negociadores de paz, e submetendo propostas sem razão nem perspectiva, a ocupação poderia durar sempre? Acreditávamos que podíamos safar-nos com desculpas patéticas? É surpreendente como uma nação pequena e inteligente se pode tornar estúpida só por ter um bastão na mão".

Barak e os seus aliados americanos subestimaram Arafat e sobrevalorizaram o controlo que ele detém sobre as massas populares. Não conseguiram (tentaram?) perceber o ponto de vista dos palestinianos, que se revoltaram contra o próprio governo de Arafat (a sua facção, a Fatah, tem uma milícia, os Tanzim, que não aceita ordens do chefe). Não viram que a raiz da anterior (1987-1994) e da actual Intifada está na humilhante ocupação que dura há 33 anos e que Israel quer perpetuar.

Por que razão insiste o Exército israelita em proteger colonatos -cujo desmantelamento já foi implicitamente aceite por Barak? Por que razão insiste o Exército israelita em expor as vidas de soldados e colonos à fúria palestina, vingando-se depois das pedradas, emboscadas e acções de guerrilha com bombardeamentos e assassínios políticos? Para clamar a vitória que apenas lhe poderá dar uma submissão temporária do vencido?

Com Oslo enterrado pela nova sublevação, a ONU deve substituir os EUA como mediano. É preciso regressar à legalidade internacional e acabar com os "acordos privados" escritos na Casa Branca e depois impostos aos palestinos. O processo comercial tem de ser aberto para poder restaurar a confiança e a esperança de que uma solução justa ainda é possível.

### *Interesses americanos ameaçados*

Com o uso excessivo da força contra os palestinos (estes sofreram quase 300 mortos em dois meses), as autoridades israelitas estão a ser alvo de numerosas críticas, até dos seus amigos europeus na Internacional Socialista. Israel está também a deteriorar a paz estratégica com o Egipto e a Jordânia, cujas posições moderadas tinham até agora prevalecido sobre as mais radicais na Liga Árabe.

O Cairo já retirou o seu embaixador de Telavive, Mohammed Bassiouny, um diplomata que há duas décadas servia de ponte entre os dois países. Em Amã, o vice-cônsul israelita foi ferido a tiro, numa demonstração do crescente sentimento anti-semita num reino onde mais de 60 por cento dos habitantes é de origem palestina. E mesmo os laços Israel-EUA podem sofrer uma erosão, se os interesses de Washington no Médio Oriente começarem a ser afectados.

Exemplos: o contratorpedeiro "USS Cole" foi atacado, no dia 12 de Outubro, no Iémen, o que mostra que o poder altamente tecnológico americano continua vulnerável a atentados de inimigos altamente motivados. O Iémen é a base de reabastecimento da 5ª Esquadra no Golfo Pérsico, região onde os EUA têm estacionados uns 20.000 soldados para proteger o fluxo de petróleo regional. Também o Kuwait desmantelou, há algumas semanas, uma rede que planeava ataques contra alvos americanos. No Qatar, governado por um emir pró-ocidental e amigo de Israel, os habitantes puseram em marcha um boicote ao gigante americano McDonald's.

"Os EUA têm imensos e vitais interesses no Médio Oriente e assim que Washington compreender que deve evitar a ira árabe para proteger os seus interesses, não hesitará em adoptar políticas menos tendenciosas", escreveu o mais importante jornal egípcio, "Al Ahram". A exortação do influente publicitário jordano Ibrahim Al Ajlouni é semelhante: "Devemos rejeitar tudo o que é americano. Não devemos comprar os seus bens, vestir as suas roupas, comer os seus alimentos nem estudar nas suas universidades e academias."

Ze'ev Schiff, analista do jornal hebraico "Ha'aretz", a quem o Tsahal (Exército) e o Shin Bet (segurança interna) dão informações e ouvidos, parece ter compreendido a mensagem: "Os palestinos estão convencidos de que todos os governos israelitas usam subterfúgios para escapar às obrigações assumidas nos acordos. Estão convencidos de que a única maneira de Israel cumprir os compromissos é através da força. E esta é uma questão que merece um exame de consciência da nossa parte".

Enquanto este exame de consciência não for feito, os habitantes de Gaza e da Cisjordânia vão continuar a procurar inspiração no Hezbollah. A estação de televisão do Partido de Deus - Al Jazeera- é agora a que tem mais audiência no Médio Oriente. O xeque Nasrallah, arquitecto da campanha que forçou a retirada

israelita do Sul do Líbano em Maio deste ano, é o novo herói árabe.

Isto é terrível para os palestinos, porque, embora estejam conscientes de que não têm alternativa à paz, são empurrados por Israel para a repugnante ideologia do "martírio". Ao contrário do que os fanáticos querem mostrar, o povo de Arafat não luta pela morte mas por uma vida melhor.